

Ser Mulher e Empreendedora: Gênero como Investimento Comunicacional na Biografia de Luiza Trajano¹

Marcelo dos Santos MARCELINO²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir como a dimensão de gênero é mobilizada discursivamente na construção do biográfico de Luiza Trajano. Aqui, *ser mulher* e *ser empreendedora* são pares indissociáveis na fala da empresária sobre sua trajetória de vida. Este texto analisa três vídeos de entrevistas de Trajano em programas de TV entre 2009 e 2014. Considerando bakhtinianamente que existe produção de um acontecimento implicado em cada ato de fala na cadeia de enunciados, identificamos que o gênero funciona como investimento comunicacional para reafirmar a narrativa da empreendedora-de-si, permeada pela ideia de superação e autoaprimoramento.

PALAVRAS-CHAVE: Luiza Trajano; gênero; empreendedorismo; biografia; comunicação

A empresária Luiza Trajano é uma das únicas na lista de pessoas mais ricas do país³. Também foi no passado uma das únicas empresárias a integrar o chamado Conselhão, nos governos Lula e Dilma⁴, período em que sua ascensão se mostrou notável, dado a conjuntura de crescimento econômico combinado com políticas redistributivas que marcaram os governos de centro-esquerda desde o início dos anos 2000. Também foi a primeira mulher a liderar o Instituto do Desenvolvimento do Varejo (IDV), voltado ao desenvolvimento do setor. Luiza Trajano também seria a 10ª mulher no ministério de Dilma caso sua indicação para Ministra da Micro e Pequena Empresas viesse a se concretizar⁵. Todos esses fatos não podem ser lidos apenas como eventos ou casos em que uma mulher assume cargos decisórios num contexto de desigualdade de gênero.

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² É mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, membro do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs) e servidor técnico-administrativo na UERJ. É graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela USP. E-mail: marcelino.mds98@gmail.com.

³ Luiza Trajano, do Magalu, é uma das 8 brasileiras na lista das bilionárias. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/luiza-trajano-do-magalu-e-uma-das-oito-mulheres-brasileiras-bilionarias/>. Acessado em 11/04/2023.

⁴ *Mulheres no Conselhão*. O Globo (Acervo), 22/01/2016.

⁵ *Câmara aprova a criação do 39º ministério de Dilma*. O Globo (Acervo), 08/11/2012.

Identificamos aqui que a percepção sobre o fato de Luiza ser uma poucas mulheres a alcançar altos postos de comando e, sobretudo, notoriedade midiática, serve no presente para afirmar sua excepcionalidade e reforçar a narrativa neoliberal do empreendedor-de-si (DARDOT e LAVAL, 2016; FOUCAULT, 2008).

A partir da análise discursiva de três vídeos de entrevistas publicadas entre os anos de 2009 e 2014⁶, notamos que a dimensão de gênero nunca passou despercebida pelas entrevistadoras, que sempre associaram o *ser mulher* ao *ser empreendedora*. O par mulher-empendedorismo aparece nas entrevistas de forma indissolúvel: por meio de perguntas, Trajano é convocada a falar sobre as dificuldades que passou nos ambientes predominantemente masculinos. Nosso interesse aqui não é investigar a natureza da desigualdade nas organizações e como Luiza é uma exceção que confirmaria a regra do desequilíbrio de gêneros, mas analisar como essa excepcionalidade é mobilizada sob a forma do testemunho de vida e da cultura terapêutica, que concebe o relato de si e do sofrimento como um imperativo para lidar com as adversidades da vida e para o autoaprimoramento do sujeito (cf. RIBEIRO e SACRAMENTO, 2020; ILLOUZ, 2011).

Notamos que a entrevista é um lugar onde há espaço e abertura para Luiza Trajano falar especificamente sobre ser empreendedora sem as roupagens de um discurso institucionalizado, mais avesso ao subjetivo. É na entrevista midiática, que pressupõe presencialidade e um nível de proximidade maior entre os interlocutores, que temos a impressão de, efetivamente, termos acesso ao que há de mais real na trajetória de alguém (ARFUCH, 2011, p. 151-196). Além disso, é na entrevista que Luiza consegue descrever com detalhes os desafios como empresária de sucesso, inclusive com relatos de experiências íntimas e familiares. Em nossa análise, não esgotamos o material de análise, pois nosso esforço é compreender os enunciados contextualmente, percebendo as *lógicas comunicacionais* que estão presentes (cf. BARBOSA e RÊGO, 2017), observando as implicações na teia de comunicação discursiva que constitui cada fala, sempre vista como um acontecimento (BAKHTIN, 2011). Portanto, nosso intuito é notar como esses enunciados atuam na cadeia de enunciados e quais atores participam da construção de uma biografia comunicacional (SACRAMENTO, 2014).

⁶ Os vídeos escolhidos são: (1) Grandes Líderes - Luiza Trajano (parte 5). Revista Exame (YouTube). Disponível em <https://youtu.be/CHcPvRITkPs>. Acessado em 02/04/2023; (2) Poli entrevista Luiza Trajano - 30/06/2013. TV Cultura (YouTube). Disponível em <https://youtu.be/oh6ZO-KOP14>. Acesso em 02/04/2023; e (3) De Frente com Gabi (20/07/14) - Gabi recebe a empresária Luiza Helena - Parte 2 (YouTube). Disponível em <https://youtu.be/xbeP8cejDOg>. Acesso em 31/03/2023.

Argumentamos que o modo como Luiza fala sobre ser mulher e empreendedora implica a produção de um *investimento comunicacional* permitido pela concepção de um *outro excepcional*. Esse movimento é capaz de vincular os sujeitos à gramática do discurso empreendedor neoliberal, pois gera empatia, identificação e, especialmente, inspiração. Veremos que falar de Luiza significa também produzir um *outro* discursivo, que aqui assume tanto a noção de um ser alguém excepcional num lugar de hegemonia masculina – movimento este que reforça o entendimento dela como alguém esforçada e dedicada, em luta contra o sistema –, como também a de uma figura inspiradora, um exemplo de trajetória cujo *modus operandi* deve ser seguido para poder vencer.

Compreendemos que este *outro excepcional* deriva de ao menos três aspectos: *i)* a constatação de que ela a única mulher com tamanha visibilidade no universo masculino empresarial; *ii)* a colocação do ser mulher e empreendedora, muitas vezes utilizando sua memória familiar como traço distintivo; *iii)* a valorização dos atributos considerados “femininos” sob a égide de um determinado padrão de conduta das emoções.

Vemos que esses dois primeiros aspectos estão presentes quando notamos que Luiza Trajano é sempre requisitada nas entrevistas a responder sobre como ela é uma das poucas empresárias de sucesso no país, e o que isso significa para ela. Na sua entrevista para a TV Exame, Luiza Trajano recebeu a pergunta de um espectador que perguntava se ela já havia sofrido preconceito por ser mulher no universo de empreendedores. A empresária responde enfaticamente que o fato de sofrer ou não preconceito diz mais respeito ao modo como se deixa ou não sentir, ou seja, comporta uma atitude administrativa dos afetos que é própria da cultura terapêutica, que converte sofrimento ou traumas em oportunidade ou positividade (cf. ILLOUZ, 2011).

Luiza Trajano: Se eu falar que eu senti, eu estaria mentindo, *porque eu não me deixo sentir*. Eu acho que isso é muito importante. Mas tenho que te dizer que nós temos que ser mais competentes. Eu sou do IDV [Instituto para Desenvolvimento do Varejo], tem 30 homens, e fui eleita agora a presidente do IDV. Então, você tem de ser mais competente (...). Não sei se é [porque] sou filha única, *tenho autoestima boa*, então eu não tenho nem dó de mim nem preconceito (...) Então, *eu não sofri muito mais pela minha postura, porque eu não deixo as coisas chegar em mim nesse aspecto* (00:10 - 1:05)⁷.

⁷ Grandes Líderes - Luiza Trajano (parte 5). Revista Exame (YouTube). Disponível em <https://youtu.be/CHcPvRITkPs>. Acessado em 02/04/2023.

Para a empresária, sentir preconceito tem mais a ver com uma postura de não deixar isso acontecer. Ela reconhece que existe desigualdade nas empresas, porém a fórmula oferecida é neoliberal, voltado à individualização do problema pela via afetiva e guiado pela promoção da individuação, dispositivo central do neoliberalismo (LAZZARATO, 2011, p. 26).

Reparamos que esse movimento de individuação não ocorre propriamente no plano racional das decisões, mas afetivamente: em vez de questionar aquilo que produz a desigualdade nos postos decisórios, ligada à história de opressão sobre as mulheres, é preferível orientar os sujeitos individualmente para enfrentar o problema. Aqui, é necessário reconhecer que no neoliberalismo não se produz apenas espoliação da mais-valia, mas uma espoliação psíquica do estranhamento sobre a realidade (SAFATLE, 2020, p. 27).

Notamos também que essa postura de Trajano em relação a ser empreendedora tem a ver com o passado da sua família. Luiza frequentemente retoma a ideia de que o seu ser empreendedora está intimamente associado à sua família, considerando especialmente sua tia Luiza e sua mãe, que para ela eram consideradas empreendedoras em uma época em que não era possível. A memória familiar servirá aqui para acentuar não apenas que ela sempre foi empreendedora, mas mostrar que houve uma força feminina que a impulsionou até hoje.

Luiza Trajano: Por eu ser filha única, acho que eu gostava muito de dar presentes, né? E eu sou sozinha. Eu brinco que minha tia [Luiza] tinha inteligência de empreendedora, eu tive sorte. Ela, sim, nunca teve crise, vamos... Não teve muita inteligência emocional de jeito nenhum. Mas minha mãe tinha muita inteligência emocional; não tinha o espírito empreendedor. Minhas amigas falam que é por isso que eu dei certo (4:60-5:10)⁸.

Luiza Trajano também aponta que seu modo de agir comporta habilidades femininas que fizeram-a chegar ao posto que atualmente ocupa. Na entrevista para o Programa da Poli, ela diz que seu modo de gerir é totalmente feminino:

Entrevistadora: Que habilidades femininas têm nessas decisões?

Luiza Trajano: Ah, muitas! Eu sou uma executiva totalmente feminina. Meu perfil é totalmente feminino. Era difícil quando eu era mais nova, porque eu vivi num mundo muito masculino, né? Era muito natural você querer ter perfil de durona, de não chorar, mas eu nunca abri mão disso.

Cristina Poli: Você chora?

⁸ De Frente com Gabi (20/07/14) - Gabi recebe a empresária Luiza Helena - Parte 2 (YouTube). Disponível em <https://youtu.be/xbeP8ccjDOg>. Acesso em 31/03/2023.

Entrevistadora: Choro, falo que não sei, [falo que] tô insegura... Se você analisar o perfil das empresas de sucesso, ela tem um perfil muito voltado às habilidades que as mulheres aprenderam: interação, emoção, espiritualidade. (14:12 - 15:05)⁹.

Os atributos considerados femininos ganham aqui uma forte valorização, inclusive porque fornecem um modelo particular de conduta e subjetividade sobre o que é ser mulher empreendedora. Ao balancear aspectos da feminilidade, Luiza consegue conceber uma capacidade de equilibrar posturas tidas como femininas e outros papéis da mulher, como ser mãe, e também trabalhadora. Essa operação também está ligada a uma postura de equilíbrio entre características e comportamentos tidos como femininos e masculinos, sempre orientados mercadologicamente, algo típico das autobiografias de mulheres que assumem altos postos de comandos em empresas (ADAMSON, 2017, p. 314).

Na entrevista para o programa De Frente com Gabi (SBT), Luiza também foi questionada sobre se sofreu muito por ser mulher e empresária. Ela responde que nunca teve problemas com isso porque valoriza muito o papel masculino, sem enfrentá-lo.

Luiza: Eu não tenho esse problema, porque a minha administração, meu jeito de ser, apesar de brava – eu não estou falando aqui que eu sou boazinha –, eu sou muito feminina na minha forma de lidar. Eu não tenho uma administração masculina (2:49 - 3:05).

Entrevistadora: Então, o que você tá dizendo é: as mulheres podem tudo sem, necessariamente imitar os homens, repetir os homens.

Luiza: Pelo contrário, Gabi. Essa junção das duas coisas é que dá certo. Quando ela, muitas vezes, o que foi cobrado de mim por eu ser mulher, é que eu fosse muito mais competente. Imagina: uma mulher do interior chegar aqui, ter que comprar de grandes empresas, num evento só de homens...

Reparamos aqui que a ideia de valorização das mulheres em postos de trabalho e decisões de poder nas empresas está intimamente associada ao trabalho duro e à exigência de serem melhores que os homens para demonstrar eficiência, algo que passa longe da dimensão crítica sobre os dispositivos produtores dessa desigualdade (ESCOSTEGUY, 2013). Ao contrário disso, acaba por reafirmá-los discursivamente. Assim, ao mesmo tempo que busca empoderar e encorajar as pessoas a serem elas mesmas, esse feminismo busca também conservar as características da separação e diferenciação dos papéis dos sexos (ADAMSON, 2017).

⁹ Poli entrevista Luiza Trajano - 30/06/2013. TV Cultura (YouTube). Disponível em <https://youtu.be/oh6ZO-KOP14>. Acesso em 02/04/2023.



REFERÊNCIAS

- ADAMSON, M. Postfeminism, neoliberalism and a ‘successfully’ balanced femininity in celebrity CEO autobiographies. **Gender, Work & Organization**, 24(3): 314–327, 2017.
- ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARBOSA, M. C.; REGO, A. R. Historicidade e Contexto em perspectiva Histórica e Comunicacional. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. ID26989, 2017.
- DARDOT, P.; LAVAL, C.. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Melodrama e heroização: a mídia no relato biográfico. **MATRIZES**, v. 7, p. 143-159, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- LAZZARATO, Maurizio. **O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal**. São Carlos-SP: EdUFSCAR, 2011.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.
- SACRAMENTO, Igor. A biografia do ponto de vista comunicacional. **MATRIZES**, v. 8, n. 2, p. 153-173, 2014.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.